

FORMA DE VIDA - RECENSÕES

Zena Hitz. 2020. *Lost in Thought: The Hidden Pleasures of an Intellectual Life*. Princeton: Princeton University Press.*

29 de Abril, 2021.

Joana Corrêa Monteiro

A arte, a filosofia e a actividade intelectual em geral têm sido caracterizadas desde a antiguidade por artistas, filósofos, críticos e outros intelectuais, como práticas com importância política e social. Algumas das consequências menos felizes — mas, em certa medida, previsíveis mesmo se remotas — destas afirmações são a rotulagem contemporânea de obras como a *Crítica* de Kant como potencialmente perigosa ou ofensiva ou o recente desaparecimento de nomes como o de Flannery O'Connor de *halls* em universidades. O impulso para fazer tais coisas terá múltiplas origens, com diversos graus de seriedade, e a importância da fúria particular das redes sociais, frequentemente combinada com ignorância e por vezes com agendas políticas e ideológicas, não deve ser subestimada a esse propósito. É, contudo, digno de nota que estas tendências tenham surgido depois de vários académicos e críticos literários, bem como filósofos com interesse na área da filosofia moral terem, na segunda metade do século XX, defendido que a literatura tem um papel singular seja na filosofia moral, seja na moralidade, seja em ambas, em alguns casos, com argumentos passíveis de ser alargados para incluir a arte, a actividade intelectual, a política e a vida social.

Uma porção significativa desses argumentos floresceram no contexto histórico e político contemporâneo de uma diminuição no número de pessoas interessadas em especializarem-se nas humanidades, pelo menos, quando comparado com outras áreas, em regra geral tidas como mais práticas, mais empregáveis ou onde mais facilmente se pode «criar impacto», como as tecnologias de informação, ou as áreas de gestão. Este facto, por sua vez, parece ter levado as universidades e os académicos ligados às humanidades a pensar e defender o valor daquilo que propõem e a que dedicaram a sua vida. Como resultado, várias defesas da literatura e das humanidades têm sido apresentadas nos últimos anos. Um denominador comum entre a maioria destas defesas é a importância que determinados tipos de actividades relacionadas com o estudo da literatura, arte, ou humanidades têm para o desenvolvimento moral ou político dos indivíduos e sociedades. Todavia, a maior parte destas defesas não conseguem mostrar de forma convincente o modo particular como a arte ou a actividade intelectual podem assumir tal responsabilidade, seja porque dependem de efeitos ou consequências hipotéticas das actividades intelectuais e artísticas que são bastante mais incomuns do que aquilo que afirmam, seja porque reduzem a actividade criativa e intelectual ao seu alegado papel instrumental, perdendo de vista a sua verdadeira natureza.

Ao mesmo tempo, porém, persiste uma certa noção de liberdade artística e intelectual que não parece coadunar-se com a ideia de que as artes e humanidades devam educar públicos. Desde que reconheçam, consintam, e mantenham a sua obra aproximadamente dentro do domínio do que for tido como politicamente correcto em cada circunstância, artistas e intelectuais não precisam de se justificar fora do âmbito das suas actividades, nem, em última análise, de ser compreendidos por não-especialistas. O significado do seu trabalho e também do tipo de vida que escolheram está garantido, numa versão torcida e diluída de «a arte pela arte». Deste ponto de vista, não sucede apenas que a actividade criativa e intelectual não seja instrumental; elas são, na verdade, irrelevantes para tudo o que saia do seu âmbito.

Qualquer uma destas possibilidades sempre me pareceu insatisfatória, desde o tempo em que estudei filosofia (primeiro) e teoria da literatura (depois) e tenho continuado a pensar e a trabalhar sobre este tópico. Apesar de, desde o princípio, me parecer óbvio que o valor da actividade artística ou intelectual é intrínseco e que uma descrição que coloque esse valor no seu «impacto» pretendido (ou presumido) é, em última análise, falso ou injusto, eu tampouco me identificava — nem identifico agora — com a imagem da intelectual ou artista que vive ensimesmada, a navegar num universo paralelo de teoria, perseguindo um qualquer interesse exclusivamente individual, sem ligação com o resto do mundo, ou, sequer, com o resto da sua vida.

O maravilhoso livro de Zena Hitz apresenta uma perspectiva diferente e refrescante acerca destes assuntos. A partir de uma discussão central sobre o que quer dizer gostar de aprender e aprender por aprender, a autora mostra como a actividade intelectual é parte do florescimento humano e é essencial para a nossa realização. Naturalmente, existem temperamentos, talentos, obsessões diferentes e nem toda a gente é um rato de biblioteca. Mas uma das singularidades do ensaio de Hitz é que não destaca um dado campo disciplinar («as humanidades» ou «as ciências»). Pelo contrário, explora a possibilidade de o gosto que uma pessoa tem por literatura seja análogo ao fascínio de outra pessoa com animais e ao interesse que ainda outra tem pela política.

Hitz parte da sua experiência em primeiro lugar como uma estudante de filosofia brilhante e ambiciosa, depois como alguém que abandonou uma carreira promissora na academia, muito desiludida com as suas contradições e a sua irrelevância face ao sofrimento, à pobreza e outros tipos de males, e finalmente, como uma espécie particular de retornada. A sua visão é abrangente e retoma argumentos e exemplos antigos e contemporâneos de pensadores, artistas, historiadores, poetas, cientistas, místicos, políticos, personagens literárias, entre outros, o que torna a leitura viva e cativante também para não-filósofos ou não-académicos, sem descartar o rigor e a honestidade intelectual.

Em alguns momentos, a sua formação verdadeiramente filosófica emerge em todo o seu esplendor com observações como «Falta-me um argumento [que prove] que a virtude da seriedade é suficiente para moldar o pensamento de alguém e dirigi-lo para o serviço a outros, mas tenho um exemplo...» (p. 175),¹ ou «Admito que não sou capaz de resolver esta questão de uma forma que me satisfaça. Expô-la perante o leitor terá de chegar. Aprender importa por si mesmo porque os seres humanos são essencialmente seres que conhecem, que amam, ou ambos.» (p. 112).² Esta manifestação do que poderia ser tido como vulnerabilidade argumentativa parece-me muito mais próxima da nossa realidade de seres incompletos e limitados na capacidade de entendimento da realidade do que o que é comum no debate filosófico (ou, já agora, político ou cultural). E, na verdade, corresponde precisamente à particular noção de «investigação» com que Hitz abre o seu ensaio:

Escolhi a palavra «investigação» cuidadosamente, já que espero que tu, meu leitor, investigues

comigo. No fim de contas, cada pessoa vive a sua vida, especialmente no que diz respeito ao uso da mente. Eu posso dar comigo própria num impasse, onde tu vês uma passagem. Onde eu encontro claridade, tu podes encontrar um obstáculo. Muitos dos meus pensamentos ainda vão estar mal cozidos. A sua massa até pode nem estar bem misturada. Acaba tu de os cozer à tua maneira — ou cozinha outra coisa. (p. 49)³

Há também uma preocupação pedagógica que constantemente vem à superfície na escrita de Hitz. A sua capacidade de envolver o leitor verdadeiramente — não apenas de forma retórica — é um dos feitos mais significativos do livro. Considere-se, por exemplo, as leituras de *Nuens*, de Aristófanes, ou *Confissões*, de Santo Agostinho, ou da Tetralogia Napolitana de Elena Ferrante. É possível discordar dessas leituras, disputar as interpretações, de forma parcial ou global. Contudo, a beleza da «investigação» de Hitz é que convida justamente essa conversa com possíveis rivais como parte do argumento. Não é necessário, estritamente falando, que as várias leituras que faz de variadíssimas obras estejam certas, ou que os exemplos que escolhe sejam inquestionáveis. O facto de a obra provocar este tipo de discussão é, na verdade, prova de que o seu argumento maior é verdadeiro: que a vida intelectual em que estes tipos de conversas ocorrem é parte de um florescimento humano, não porque que tenha vantagens sociais, económicas ou políticas, mas porque o gostar de aprender, o amor pela aprendizagem, é parte integrante da nossa humanidade.

A vida intelectual é «um lugar de retiro», afastada do «mundo», uma fonte de dignidade, e uma forma de abrir espaço para comunhão (p. 56). Requer uma certa ascese, uma educação do desejo que vem de um encontro com a realidade (p. 87). Tem uma direcção, mas não é claro que tenha um objecto específico (p. 94), e «o intelecto não tem assunto específico, estica-se avidamente para o todo de tudo» (p. 186).⁴ Pode estar enredada em tentações de superficialidade e egoísmo (p. 98). «Envolve um esforço de ir além da superfície, um questionamento das aparências, um desejo de mais do que aquilo que é evidente» (p. 192).⁵ E, no final, não é o sucesso que justifica a sua prática; é a necessidade humana, e o seu cultivo e sofisticação não devem ser concebidos como muito distintos das «pequenas necessidades humanas» (p. 174):

A música não tem sentido num mundo em que ninguém reconhece o valor de aulas de piano comuns ou de cantar em harmonia, mesmo se músicos altamente treinados continuarem a tocar a música mais erudita. Da mesma forma, não faz sentido chegar ao fundo dos diálogos de Platão se os seres humanos não se entretiverem a conversar nem ruminarem a justiça das coisas enquanto lavam janelas. As pequenas coisas humanas tornam as pequenas necessidades humanas manifestas; sem essas necessidades em mente, os grandes empreendimentos perdem o rumo. (*idem*)⁶

¹ «I lack an argument that the virtue of seriousness is sufficient to shape one's thinking toward ways of serving others, but I do have an example...»

² «I admit I that I am not able to settle this question to my satisfaction. Laying it before the reader will have to suffice. Learning matters for its own sake, because human beings are essentially knowers, or lovers, of both.»

³ «I chose the word “inquiry” carefully, since it is my hope that you, my reader, will inquire with me. After all, each person lives his or her own life, especially in the use of the mind. I may find myself at an impasse where you see a way through. Where I find clarity, you may find an obstacle. Many of my thoughts will be only half-baked. Their batter may not be even quite mixed. Finish baking them your own way—or cook up something else.»

⁴ «[t]he intellect has no subject matter, it reaches greedily for the whole of everything.»

⁵ «It involves a reaching out past the surface, a questioning of appearances, a longing for more than is evident.»

⁶ «Music is pointless in a world in which no one recognizes the value of ordinary piano lessons or singing in harmony, even if highly trained musicians continue to perform the finest art music. Likewise, there's no point in getting to the bottom of Plato's dialogues if human beings do not shoot the bull at the lake or mull over the justice of things while washing windows. The little human things make the human needs manifest; without those needs in mind, the grander endeavours lose their way.»

* Tradução da autora a partir do original inglês.